Elementos constitutivos da identidade da claque *Super Dragões*

Daniel Seabra*

Resumo

O texto que se segue enfatiza os principais elementos constitutivos da identidade da claque *Super Dragões*. Referem-se, para tal, os principais valores deste grupo, tais como a solidariedade entre os seus elementos, a condição *Ultra* que estes deverão assumir, o amor ao *Futebol Clube do Porto* e a importância que este assume nas suas vidas, a exaltação da cidade do Porto e ainda a depreciação do principal clube adversário e da cidade de Lisboa. Apresentam-se vários discursos que evidenciam tais valores e a importância que estes assumem para os membros da claque. Um breve perfil social destes é também delineado, contemplando este o sexo, a idade, a ocupação profissional e alguns dos seus desejos para o futuro. O lugar que os *Super Dragões* ocupam na história do *Movimento Ultra* português é também um enquadramento importante para a compreensão da identidade da claque e estão, por isso, também contemplados no presente artigo.

1. Introdução

As claques que apoiam os clubes de futebol portugueses continuam a marcar forte presença nos estádios portugueses. Distinguem-se da generalidade dos adeptos pelo facto de se constituírem como grupos organizados que se posicionam em determinadas zonas dos estádios de futebol, incentivando de forma mais intensa e efusiva os seus clubes predilectos. Recorrem, para tal, a cânticos próprios, bandeiras das mais variadas dimensões, cartazes, fumos e outros adereços que permitem a elaboração de coreografias (Pereira, 2002: 41). No entanto, e embora haja quem enalteça as manifestações de luz, cor e som por elas proporcionadas, prevalecem os discursos que evidenciam e criticam os actos de violência e vandalismo perpetrados por alguns dos membros destes grupos.

* Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa – das@ufp.edu.pt.

Na verdade, tais actos, bem como a forma como os mesmos têm sido noticiados na comunicação social, contribuíram para a formação de uma opinião geral muito negativa sobre as claques e suscitaram ainda alguma preocupação nos meios desportivos e políticos. [1]

Não se pretende negar a legitimidade e a respeitabilidade de uma opinião pública avessa às claques. Sublinhe-se, contudo, que a mesma nem sempre decorre de uma observação directa e regular do desempenho dos membros que compõem estes grupos, mas sim da grande visibilidade que a comunicação social confere aos incidentes perpetrados por alguns deles. Estes ocorrem, são por vezes graves e deverão ser noticiados e denunciados. Mas é fundamental frisar que os mesmos não constituem – longe disso – o desempenho mais frequente dos membros das claques.

As claques e as suas acções são objecto preferencial de notícia quando alguns dos seus membros perpetram actos indesejáveis, socialmente reprováveis e mesmo criminosos. Todavia, o mesmo destaque noticioso parece não ser conferido a um vasto conjunto de aspectos que fundamentam a existência das claques, conferem a necessária coesão às mesmas e caracterizam o seu desempenho. Este posicionamento da comunicação social face às claques tem gerado alguns efeitos perversos. Um deles foi o surgimento de uma certa estigmatização generalizada dos membros das claques. Esta induziu alguns dos que a sentiram a abandonarem os grupos, pois, apesar de pautarem o seu comportamento no seio dos mesmos por grande correcção, não queriam ser conotados com os comportamentos delinquentes levados a cabo apenas por alguns dos seus membros. Por outro lado, algumas notícias sensacionalistas[2] atraíram para as claques alguns jovens já com carreiras de delinquência no seu quotidiano e que perspectivaram a pertença a estes grupos como uma oportunidade para continuarem tais actividades, sendo estas facilitadas pela percepção de um certo anonimato e desresponsabilização decorrente da inserção num grupo numeroso.

Para um melhor conhecimento das claques de apoio aos clubes de futebol é, portanto, fulcral uma abordagem que procure contemplar outras dimensões do grupo, que não apenas a violência e actos de vandalismo e delinquência que alguns dos seus membros provocam. O presente texto procurará, precisa-

[1] Na sequência desta foi elaborada legislação com o intuito de fazer face ao problema. A nível nacional, poderá destacar-se a Lei nº 38/98 de 4 de Agosto, com o artigo 6º da mesma a dirigir-se especificamente aos grupos organizados de adeptos, sendo as claques consideradas como tal. Esta lei foi posteriormente revogada pelo legislador e substituída pela Lei n.º 16/2004, datada de 11 de Maio. O artigo 18º desta lei reportava-se também aos grupos organizados de adeptos. Actualmente, vigora a Lei n.º 39/2009, de 30 de Julho. Esta lei contempla os grupos organizados de adeptos nos seus artigos 15º e 16º.

[2] Sobre o sensacionalismo das notícias publicadas sobre o *Hooliganismo* e respectivos efeitos perversos que as mesmas geraram no contexto inglês consultar os trabalhos de Hall (1978: 15-36), de Cohen (1972), de Murphy, Dunning e Williams (1988: 645-673 e 1994: 114-119), de Dunning, Murphy e Williams, (1992: 8-12, 151-156) e ainda de Taylor (1982a e 1982b).

mente, destacar os principais elementos constitutivos da identidade [3] da claque *Super Dragões*, bem como os principais discursos que os evidenciam. Como se demonstrará, tais elementos não deixam de estar ancorados na própria história do grupo, no perfil social dos membros que presentemente a compõem e ainda nos princípios estruturantes do denominado *Movimento Ultra* no qual a claque se enquadra. Serão, pois, estes os dois primeiros elementos que serão sucintamente abordados.

2. Claques e *Movimento Ultra*

Como foi já mencionado, as claques de apoio a clubes de futebol manifestam-se de forma muito diferente dos outros adeptos. Esta diferença não se deve apenas ao posicionamento das primeiras nos estádios e ao recurso a um conjunto de signos veiculados verbalmente, corporalmente ou por objectos e materiais que concorrem para a apresentação de manifestações intensas de apoio ao clube. Ao contrário da generalidade dos adeptos que se agregam no estádio para apoiar os clubes da sua preferência, as claques constituem grupos identificáveis, contínuos e estruturados segundo interesses, normas e valores fundamentais para a consecução dos seus propósitos. A alguns dos seus membros são mesmo atribuídos papéis individuais conducentes a uma socialização peculiar que poderá estruturar o quotidiano e estilo de vida (Lago e Biasi 1994: 78).

A origem destes agrupamentos radica no já aludido *Movimento Ultra*. Este surgiu em Itália no final da década de 60 e anos 70 num contexto político-social conturbado – Maio de 68 – e pelas lutas entre conservadores e militantes dos movimentos políticos associados à esquerda. Os jovens italianos, que já acompanhavam os seus clubes na década de 50 e 60,[4] encontraram então nos partidos políticos sobretudo adstritos à esquerda um modelo de militância que poderiam adoptar também no apoio aos seus clubes.[5] Tomando também como exemplo a forte camaradagem entre aqueles que militavam num mesmo partido político, foram então criadas claques compostas por jovens que passaram a manifestar um apoio exuberante e muito activo ao clube através de cânticos e de coreogra-

[3] Sendo esta aqui entendida com base numa definição simples proposta por Giddens e segundo a qual a identidade é definida como sendo as «características distintivas do carácter de uma pessoa ou o carácter de um grupo que se relaciona com o que eles são e com o que tem sentido para eles (Giddens, 2002: 694).

[4] Na verdade, já na época se organizavam viagens aos estádios dos clubes adversários no sentido de apoiar a equipa visitante, sendo tal prática mesmo estimulada por Herrera, treinador do Inter de Milão (March 2001). Reconhece-se, porém, que estes não eram ainda os grupos *Ultra* que posteriormente surgiram (Podaliri e Balestri 1998: 89).

[5] Para o surgimento do *Movimento Ultra* importa também considerar a influência que os jovens italianos receberam por parte dos *Hooligans* ingleses. Esta surgiu pela leitura da imprensa e consequente conhecimento dos actos perpetrados pelos *Hooligans*, mas também pela presença destes em Itália aquando dos jogos internacionais e contra os quais tinham, por vezes, que se bater para defender os seus territórios das invasões dos ingleses (Podaliri e Balestri 1998: 88, Roversi e Balestri 2002: 134, Roversi 1994: 368 e Roversi 1992: 41)

fias elaboradas com diversos materiais que conferiam cor e beleza aos estádios de futebol. Surgiu assim o denominado *Movimento Ultra* que configurou os princípios básicos das actuais claques de apoio aos clubes de futebol. [6]

3. Os *Super Dragões* no contexto do surgimento das claques em Portugal

O *Movimento Ultra* não deixou também de influenciar os jovens adeptos portugueses. No ano de 1976 alguns colegas que estudavam no conhecido colégio *S. João de Brito* passaram também a assistir em conjunto aos jogos que o Sporting Clube de Portugal disputava no estádio *José de Alvalade*, procurando apoiar a equipa de forma diferente e com recurso a cânticos e bandeiras de dimensões maiores. Este grupo esteve na origem da *Juventude Leonina*, tendo sido esta a primeira claque portuguesa (Marques, Manuel e Maia 1988: 12). Algum tempo depois um processo semelhante esteve também na génese da primeira claque do *Futebol Clube do Porto*. Estudantes do *Colégio Universal* encontravam-se no estádio das Antas para incentivarem, através de cânticos, bandeiras e outros materiais, a equipa portista. Assim se fundou a claque *Dragões Azuis*.

O final da década de 70 corresponde à primeira fase da formação das claques em Portugal. Mas é durante a década de 80 que se verifica um grande crescimento no número de claques e do número de membros que compõem as mesmas. Estes grupos passaram então a reivindicar o seu reconhecimento por parte dos clubes, bem como o seu apoio logístico e financeiro.[7] Durante esta década, praticamente todos os clubes da primeira divisão eram incentivados pelas suas respectivas claques, sendo que as equipas do *Futebol Clube do Porto*, do *Sport Lisboa e Benfica* e do *Sporting Clube de Portugal* recebiam mesmo o apoio de mais do que um destes agrupamentos.[8] Sublinhe-se, porém, que o surgimento de uma segunda claque se deveu, em alguns casos, a algumas divergências entretanto surgidas no seio dos grupos já estabelecidos, nomeadamente quanto à sua gestão financeira, estratégica e acções desenvolvidas. O mesmo se verificou com as claques que apoiavam o *Futebol Clube do Porto*.

[6] O termo *Ultra* é abrangente. Provém do contexto político (foi empregue para designar, em tempos passados, os apoiantes dos reis franceses e, no século XX os grupos de extrema esquerda no período pós Maio de 68) e denota precisamente uma militância extrema (Podaliri e Balestri, 1998: 88). Ser *Ultra* implica, como ainda se exporá no presente texto, um apoio entusiasta ao clube (Lago e Biasi 1994: 80, Seabra 1999: 122-131).

[7] A anuência das direcções dos clubes a tais solicitações foi facilitada pela presença nas claques de familiares de alguns dirigentes dos próprios clubes. Destacam-se os exemplos das claques *Juventude Leonina* e *Dragões Azuis*. A primeira teve como fundadores os próprios filhos do Presidente do clube e a segunda teve também como um dos seus mais notáveis membros Alexandre Pinto da Costa, filho do Presidente do *Futebol Clube do Porto* (Anunciação 1997:14 e Fiel 1993:11).

[8] Para um registo do surgimento das claques portuguesas ao longo da década de 80, consultar Marivoet (1992:146).

A claque *Super Dragões* foi fundada precisamente por membros dissidentes da claque *Dragões Azuis*. Esta sofreu um declínio que acabou por se tornar irreversível e foi conducente à sua extinção. Um dos fundadores dos *Super Dragões* caracterizou desta forma tal processo:

> A claque *Dragões Azuis* era forte e tinha muita gente. Mas começou a descontentar as pessoas derivado ao facto de ter passado de uma claque espontânea a uma claque organizada, cujo patrocínio de uma sapataria obrigava os seus membros a ter que usar pelo menos uma camisola e estar constantemente a fazer isto e aquilo e a liberdade claro... Já havia um Presidente que assegurava a direcção e não era muito transparente. Havia muito dinheiro envolvido e as deslocações eram oferecidas. Deixou de haver um ambiente daqueles que trabalhavam para a claque para ser tudo mais fácil. Se queriam bandeiras mandavam fazer, porque havia dinheiro para se mandar fazer. Não havia muito espírito de luta e de interesse pela claque.

Estes argumentos são confirmados por outros membros dissidentes. Um deles referiu: "estavam muito viciados e era pessoal que começou a descaracterizar." Outro ex-membro do grupo foi ainda mais contundente ao afirmar que "os *Dragões Azuis* tiveram lá uma pessoa que há alguns anos atrás começou também a ganhar dinheiro à custa daquilo e a viver à custa daquilo."

A insatisfação de alguns membros com a menor dedicação de muitos no apoio ao clube foi conducente à formação de uma nova claque. Assim surgiu, em 30 de Novembro de 1986, a claque *Super Dragões*. Uma das fanzines da claque escreveu posteriormente:

> Era um sonho, uma realidade distante, uma missão... Era o início de um projecto, de uma ideia, de um futuro!...
>
> EIS OS *SUPER DRAGÕES*
>
> As ideias eram claras; apoiar o *Futebol Clube do Porto*, o nosso clube do coração. Fazer do futebol uma festa e nela participar dando todo o nosso apoio e todo o nosso amor.[9]

A nova atitude no apoio ao clube salientada neste texto foi decisiva para o rápido crescimento desta claque. Um dos fundadores reconhece actualmente que começaram "com coisas ridículas para os dias de hoje, mas há que dar valor às primeiras faixas, bandeiras, *t-shirts*, cachecóis e outro tipo de coisas que foram o grande arranque para o que somos hoje." Este equipamento expressivo que compõe aquilo a que, no quadro conceptual desenvolvido por Goffman (1993),

[9] Texto intitulado "Os *Ultras* somos nós", publicado na fanzine *Super Dragões* nº 7: 4.

se poderá denominar como o *quadro*[10] da claque e a *fachada pessoal*[11] dos seus membros, é uma dimensão que denota a identificação dos *Super Dragões* com as práticas do *Movimento Ultra*, sendo então este, por conseguinte, um elemento constituinte da sua identidade.

Depois das mais diversas vicissitudes ao longo da sua já longa história, os *Super Dragões* são hoje uma das maiores claques portuguesas, com um número estimado de membros na ordem dos mil e duzentos.[12]

4. Breve perfil social dos membros da claque *Super Dragões*

Os dados recolhidos demonstram que cerca de 85% dos membros desta claque são do sexo masculino. Tal não surpreende, uma vez que o desporto, segundo Dunning, tem sido "tradicionalmente uma das áreas reservadas masculinas» (1992: 390). Este autor e o grupo de *Leicester* em que se insere realçam ainda a importância da pertença a este tipo de grupos como estratégia de construção da masculinidade dos seus membros e dos valores inerentes à mesma, através de algumas manifestações de coragem e valentia no apoio ao clube (Dunning, Murphy e Williams 1992: 184-216 e Murphy, Williams e Dunning 1994: 125-159).

Mas para além da prevalência de membros do sexo masculino, cerca de 75% dos elementos da claque têm idades situadas entre os 15 e os 29 anos. Este é o intervalo de idades referenciado por vários autores [13] como critério etário que permite a classificação dos indivíduos como jovens. Face ao mesmo, fica patente que os *Super Dragões* são sobretudo compostos por jovens do sexo masculino, sendo tal condição ainda reforçada pela condição ainda celibatária de 75% dos inquiridos, mas também pelo desejo, da grande maioria dos mesmos, de casar (96%) e ter filhos (93%) e, portanto, constituir família.

No que ao lugar scial e profissional diz respeito, cerca de 34% dos membros do grupo são estudantes. Realce-se ainda que, destes 28% são já estudantes no ensino superior. A percentagem de membros que desempenham uma actividade profissional cifra-se nos 61%. Relativamente a estes, 21% são empregados em

[10] Goffman considerou que o *quadro* pode ser constituído pelo «mobiliário, a decoração, a disposição física e outros aspectos do pano de fundo, que constituirão o cenário e os alicerces do palco para o desenrolar da acção humana que será representada diante, dentro ou acima dele.» (1993: 34) O *quadro* engloba «os elementos cénicos do equipamento expressivo.» (Goffman 1993: 36)

[11] A *fachada pessoal* é definida por este mesmo autor para designar «os aspectos que identificamos mais de perto com o próprio actor e que naturalmente esperamos que o acompanhem onde quer que ele se encontre. Como partes da fachada pessoal podemos incluir: os distintivos que indicam a profissão ou a categoria profissional; o estuário; o sexo; e idade e as características raciais; as dimensões físicas e a apresentação; a atitude; a maneira de falar; as expressões faciais; os movimentos do corpo, etc. (Goffman 1993: 36)

[12] Este foi o universo estimado a partir do qual foi elaborada uma amostra por quotas conducente à administração de 130 inquéritos por questionário.

[13] Cabral e Pais 1998: xi, Ferreira 2006: 14-15, Cruz *et al.* 1984: 289 e Nunes 1998: 2.

rotinas não manuais de categoria inferior e 11% são trabalhadores manuais semi-qualificados. Ainda que se constate que todas as classes sociais estejam representadas, os dados denotam uma prevalência de jovens oriundos da classe trabalhadora, sendo tal proveniência reforçada por dados demonstrativos de que os progenitores dos membros das claques são também, e maioritariamente, trabalhadores semi-qualificados e empregados em rotinas não manuais de categoria inferior.

Denominador comum aos elementos do grupo é a grande paixão pelo *Futebol Clube do Porto*. O apoio ao clube é o grande motivo de adesão à claque mencionado por cerca de 90% dos seus membros inquiridos. A participação nos espectáculos e manifestações dos *Super Dragões* é também um motivo muito evocado. Importa assim destacar que o apoio ao clube, manifestado de forma exacerbada e efusiva através de cânticos e coreografias espectaculares, constitui o princípio fundador e basilar da identidade desta claque, devendo, por isso, este ser respeitado, promovido e praticado por todos aqueles que pretendem assumir a condição de *Super Dragão*.

5. Ser um *Super Dragão*

Esta condição não decorre apenas de uma mera inscrição como associado da claque ou mesmo da frequência passiva da mesma. Ser *Super Dragão* implica a assunção de atitudes e comportamentos, bem como o respeito por um conjunto de normas e valores que, apesar de não se encontrarem formalizados num regulamento ou em estatutos, têm em vista um apoio colectivo e organizado ao *Futebol Clube do Porto*.

A condição fundamental para a pertença a esta claque é, evidentemente, ser portista. O lema *DO FUNDO DO CORAÇÃO O NOSSO GRITO – POR TI PORTO CAMPEÃO* destaca a importância fulcral desta identificação e do apoio efusivo que a claque deverá conferir às equipas representativas do clube. São muitos os elementos da claque que vincam o seu grande amor e paixão pelo clube. Um deles confessa que o *Futebol Clube do Porto* é "uma das grandes partes da vida. Uma forma de amar qualquer coisa." Outros elementos da claque afirmam a sua paixão pelo clube com declarações ainda mais exacerbadas. Um elemento feminino referiu mesmo: «eu posso ter um pai e uma mãe que gosto muito. Mas quer dizer… aquele sentimento só existe pelo Porto não é? Não sei explicar.» Outro membro muito activo comparou a sua relação com o Futebol Clube do Porto a «um amor que a gente não consegue explicar. É grande demais. É desde pequenino já. Não tem palavras. Nasci a gostar do *Futebol Clube do Porto*. Vivo a gostar do *Futebol Clube do Porto*. Vou morrer a gostar do *Futebol Clube do Porto*.» Outro proeminente membro do grupo confessou também que o *Futebol Clube do Porto* "é tudo. É uma vida. É o

Porto acima de tudo.". Este elemento destacou ainda: "É uma manifestação do meu espírito. É lá que consigo alimentar a minha vida e o meu ego. É o *Futebol Clube do Porto*." Para um dos elementos da claque, o clube é mesmo entendido como uma família de substituição. Atente-se nas suas palavras: «Não tenho pais. E então a única coisa que me podia substituir o amor do Porto eram os meus pais. Os meus pais são o *Futebol Clube do Porto*.» No mesmo sentido vão as palavras de mais um membro dos *Super Dragões* que afirmou:

> O *Futebol Clube do Porto*, para mim, se pudéssemos meter uma pessoa, imagina que era um irmão, um pai ou um filho. Se pudéssemos ser dois pais, tínhamos dois pais. Se pudéssemos acrescentar um irmão, ele acrescentava. Portanto, eu vejo o *Futebol Clube do Porto* como uma pessoa que eu gosto e que não sei viver sem ela. Faz parte do nosso dia-a-dia, tal como nós temos que ir trabalhar, temos as nossas coisas, temos o nosso filho, temos a nossa casa. É uma das componentes da nossa vida.

O amor exacerbado ao clube foi também demonstrado por um elemento sempre presente e que confessou: «Acabando o Porto acho que caio numa favela. Há muita gente que pode criticar e como eu há muita gente a pensar assim. Nós nascemos para isto. Nós morremos por isto. Nós perdemos empregos por causa do clube. Roubamos por causa do clube pra ter dinheiro para o futebol.» A expressão da ligação ao clube por parte de alguns membros da claque *Super Dragões* abrange mesmo uma dimensão religiosa. Um dos elementos do grupo, natural da cidade de Lisboa, afirmou mesmo: "O *Futebol Clube do Porto*, para mim, é como uma religião. Quando vou às Antas vou ao meu santuário. Quando vamos em deslocação vamos em peregrinação." Muitas outras expressões deste teor poderiam ser citadas. Das mesmas sobressai um amor exacerbado ao clube que encontra na claque o melhor espaço para ser manifestado.

6. Ser *Ultra*

Este amor intenso deverá traduzir-se num apoio ao clube muito distinto daquele que a generalidade dos adeptos e associados do clube proporciona. Um membro da claque destacou o factor essencial desta diferenciação quando referiu que "a maior parte dos adeptos normais só vão ver o jogo quando a equipa joga bem. São poucos os que se manifestam." Ao invés, e relativamente à claque considera: "Nós manifestamo-nos quando o clube perde e quando ganha." Foram ainda mencionados outros aspectos que estabelecem tal diferença:

> O meu ideal de apoiar o Porto é cantar o jogo todo mesmo quando a equipa está a perder, ir ver jogos fora, estar sempre com a equipa. A maior parte dos

> sócios, a equipa perde assobiam ou deixam de ir aos jogos. A claque não. Está sempre presente em qualquer circunstância e em todos os momentos.

Esta assiduidade dá cumprimento ao lema *SEMPRE PRESENTES*, adoptado pela claque. É esta atitude de militância regular que se coaduna com a condição *Ultra* que os membros de uma claque deverão assumir, pois a mesma decorre da ideologia adstrita ao *Movimento Ultra*, na qual a claque *Super Dragões* também se enquadra. Ser um *Ultra* é, portanto, um valor essencial a respeitar. Não é fácil definir o termo. A aproximação a tal condição é sobretudo descritiva, realçando-se os valores e as consequentes atitudes e comportamentos esperados de quem a assume. Um *Ultra* deverá dedicar a sua vida ao clube e ao grupo onde se integra, vivendo assim para o futebol (Revilla 1996: 63). Deverá também defender activamente o seu clube por actos e palavras. Na verdade, é possível constatar, tal como referem Marques, Manuel e Maia, que esta "exigência de assiduidade é efectivamente preenchida nas claques de futebol." (1988: 8). Tal implica, evidentemente, inúmeros sacrifícios, não só financeiros, mas também relacionados com eventuais ameaças dos adeptos das equipas adversárias que cada *Ultra* terá que suportar com todo o estoicismo. As más condições meteorológicas nunca deverão ser um obstáculo à presença no estádio para apoiar o clube. Este sacrifício inerente à condição *Ultra* é muito evocado nas declarações dos membros da claque. Um deles sublinha:

> Ser *Ultra* é ir a todos os estádios, aparecer nem que esteja a fazer sol ou chuva. Nem que tenha que fazer 300 ou 400 quilómetros. Nem que tenha que ir de comboio. O *Ultra* tem que ter sempre aquele amor ao clube e ir a todo o lado. Para mim isso é um *Ultra*.

Outro elemento muito conhecido no grupo reconheceu mesmo que a sua família e o trabalho são preteridos e penalizados em consequência do constante acompanhamento do clube. Atente-se nas suas palavras:

> Para mim é tudo. Eu ponho o Porto acima de tudo. Para mim o Porto é um tipo de amor que uma pessoa tem. Está ao nível da família. Às vezes acima. Sacrifico a família quantas e quantas vezes para ir ver o Porto. O trabalho então... tenho por acaso um patrão que compreende. Senão... Já tive chatices com a família e agora vou casar. Com ela é sempre. Até que ela agora já compreende mais.

Os sacrifícios financeiros são também muitos. No final de uma época desportiva, a contabilização dos gastos em bilhetes de ingresso para os jogos, viagens, quotas de associado e ainda alimentação, atinge valores na ordem dos milhares de euros. Um dos membros da claque fez alusão à necessidade de poupar dinheiro para poder acompanhar o clube:

> Muita gente não fazia o que eu faço. Muito sacrifício. Por exemplo, falto muito ao trabalho para ir ver o Porto. Prefiro deixar de ir beber uns copos com os amigos ou ir à discoteca ou outra coisa qualquer. Guardo sempre o dinheiro para quando não tiver para as deslocações. Estou sempre pronto a fazer sacrifícios, Já a minha família diz que eu sou maluco. Não sabem o que é sentir esta emoção que muita gente sente.[14]

Mas para além dos sacrifícios financeiros, as já aludidas condições meteorológicas adversas e a agressividade dos adeptos dos clubes adversários são também vivamente expressas como dificuldades que um *Ultra* deverá enfrentar. Um dos membros dos *Super Dragões* reportou-se a elas afirmando que «Os *Super* ainda gastam mais dinheiro do que outro adepto. Porque os outros vêem os jogos fora do sofá ou no café e o pessoal é que vai lá levar com chuva, frio e calhoadas. Há uns anos em Alverca andavam lá uns gajos de carro aos tiros atrás do pessoal.»

Fica assim patente a importância da assunção de um conjunto de atitudes e comportamentos especiais para com o *Futebol Clube do Porto*, mas também para com a claque *Super Dragões*. Mas ser *Ultra* não se confina apenas a estes aspectos, ainda que os mesmos sejam de facto fundadores de tal condição. Tal condição implica o respeito por algumas normas decorrentes da presença numa claque, dado que tal representa pertencer a um grupo tido como uma grande família (Câncio, 1990: 17).

7. A união entre os *Super Dragões*

A solidariedade e união entre todos os *Ultras* pertencentes aos *Super Dragões* são princípios a cumprir por todos e nas mais diversas circunstâncias. Todos os elementos sabem que os outros esperam dele fidelidade e uma participação dinâmica no apoio à equipa, sob pena de perda de prestígio pessoal (Revilla 1996: 56) A participação muito activa é, pois, solicitada a todos os membros, não apenas no desempenho apresentado no estádio, mas também em todas as fases da preparação do mesmo, nomeadamente a preparação das

[14] Por mais paradoxal que possa parecer, estes sacrifícios conferem alguma satisfação e prazer aos indivíduos, uma vez que são motivo de orgulho e prova de dedicação ao clube e à claque, aumentando o *status* dentro do grupo. As palavras de Toro destacam de forma brilhante a ambiguidade e o grande significado que encerram estes sacrifícios: «El hincha ha venido ao mundo para sufrir. Sólo la identificación en el sufrimiento convierte al simples aficionado y lo hace apto para delegar en la fe y no en la razón todas las potencias del alma. El placer es un estado transitorio y artificial que proporciona nuevas fuerzas para soportar las aflicciones venideras que volverán a poner a prueba el amor a los colores. El dolor surge a causa del contraste com el placer. El hincha basa su fidelidad en la aceptación de esse sufrimiento como un hecho inevitable y hasta natural. (...) No es una piedra inanimada, sino estoica. Conoce el dolor pero lo soporta. La dureza no es más que el fruto de la persistencia y nunca de la insensibilidad. El hincha persigue un ideal de victoria a través del masoquismo, el mismo que lo lleva al estadio un dia lluvioso y frio a pesar de que el partido lo "echan por la tele" (1996: 107).

coreografias e dos materiais da claque ou mesmo na organização das viagens. Tal implica, muitas vezes, «passar noites e tardes a fazer uma coreografia que demora uma semana a fazer e anda-se todo roto durante uma semana.» Este elemento dos *Super Dragões* complementou estas palavras explicitando os efeitos que tal participação poderá ter no quotidiano de alguns membros do grupo: «Trabalhas, vens do trabalho, vais jantar, vais pintar, vais fazer frases, tens bandeiras, tens estandartes, tens de tratar disso tudo, não é? E para chegares ali, trinta segundo, pronto. Acabou.»

O dever de solidariedade como valor fundamental da claque implica também o silêncio sobre aspectos eventualmente comprometedores do grupo ou de algum dos seus membros, podendo estes desmentir a impressão que a claque procura causar através do seu desempenho (Bromberger 1995: 257). Mas é perante eventuais ameaças perpetradas por adeptos adversários que a solidariedade assume uma importância fulcral no grupo. Uma ameaça ou ataque a um membro da claque deve ser interpretado como um ataque a todo o grupo e requer, portanto, uma resposta por parte de todos. Tal como destacou Revilla (1996: 68), entende-se, em tais circunstâncias, que a violência é necessária para defender o grupo ou um amigo de uma agressão ou invasão adversária. Alguns elementos do grupo já enfrentaram situações deste tipo e evidenciam a importância da solidariedade nestes momentos. Um deles referiu: "A violência não é necessária. Mas nalguns casos, como resposta, acho que sim: que é legítimo. Arranja-se problemas com um, arranja-se problemas com todos. Estão todos juntos e a claque funciona de forma global." Outro membro da claque *Super Dragões* defendeu também a mesma posição: "Se estão a bater nos meus amigos, e por não querer violência, não vou deixá-los levar porrada. Claro que os tento ajudar, mas acho que não devemos provocar. Acho que só devemos usar a violência para nos defendermos."

Compreende-se assim que a fuga de qualquer membro da claque perante situações de confronto com adversários ou forças policiais seja fortemente criticada pelos outros membros envolvidos nas mesmas. Trata-se de um comportamento que não respeita a solidariedade, espírito de grupo e de grande família exigido a todos. Aqueles que não defenderem os seus companheiros serão sempre acusados de cobardia e falta de solidariedade para com o grupo (Revilla 1996: 67).

Do recurso ao emprego da violência em legítima defesa para fazer face a ataques de adeptos adversários não se poderá inferir uma apologia da mesma. Ao invés do que possa parecer em função das situações que por vezes ocorrem entre alguns membros das claques, o fundamento valorativo do *Movimento Ultra* reprova a conduta violenta dos membros da claque. Esta é entendida como um efeito perverso que, por vezes, surge nas claques e que urge combater. Um *Ultra* não deverá, por conseguinte, provocar qualquer acto de violência ou vandalismo (Anon 1996: 5). Ao invés, "é necessário apenas apoiar e cantar, dar

espectáculo, sem violência nem atitudes estúpidas." (Nuno e Paulo 1995: 5). Esta posição foi expressa de forma clara pelos *Super Dragões* numa das suas fanzines:

> A nossa função é apoiar o nosso clube do coração – o F.C. Porto –, não prejudicá-lo. Neste momento começamos a pôr em dúvida certos elementos que se juntam à claque que mais parecem querer prejudicar o clube do que apoiá-lo.
>
> Ser *Ultra* não é ser ladrão. Ser *Ultra* não é atirar tochas para o relvado, ser *Ultra* não é querer viajar sem pagar, ser *Ultra* não é ser violento... Ser *Ultra* é amar o clube e ajudá-lo a atingir a vitória de cada Domingo. Ser *Ultra* é condenar os que roubam, os que atiram tochas, os que usam de violência gratuita para se afirmarem perante os vizinhos do bairro. É urgente que todos os verdadeiros *Ultras* se unam e façam vingar a verdadeira mentalidade do Movimento. Os falsos *Ultras* que se ponham a andar ou então nada disto que andamos a fazer durante os 8 anos de existência valeu a pena e mais vale acabar com os *Super Dragões* e passamos todos a vir ao futebol de forma casual.

Sublinhe-se, contudo, que a prática reiterada de alguns furtos, roubos e actos de vandalismo ou violência perpetrados por alguns elementos dos *Super Dragões* tem sido, por vezes, apresentado como um dos emblemas de identificação deste grupo. Exemplo evidente disso mesmo é a produção de um cachecol da própria claque no qual se destaca a frase *NÃO ROUBAMOS MAIS*, ou ainda o seguinte cântico que o grupo entoa, por vezes, nos diversos estádios onde marca presença: «*É os Dragões; é os Dragões; é os Dragões; é os Dragões; é os Dragões; partem tudo; é os Dragões; partem tudo os Dragões.*» Note-se, porém, que tais comportamentos estão longe de receber a aprovação e aceitação da generalidade do grupo. Ao invés, é larga a maioria dos membros que reprovam tais actos, recusando ver a claque, para a qual contribuíram durante muitos anos, identificada com tais práticas. Muitos advogam mesmo, de forma veemente, a exclusão do grupo de todos os que levam a cabo tais actos. Por conseguinte, fica patente que este elemento identificativo da claque é negado por muitos e está longe de receber o consenso que o amor ao clube e a condição *Ultra* assumem como elementos primordiais e constitutivos da identidade da claque *Super Dragões*.

8. Orgulho em ser *Tripeiro*. A claque, o clube e a cidade

Mas ser membro da claque *Super Dragões* não pressupõe apenas a grande identificação com a agremiação desportiva que esta apoia e a assunção em pleno das atitudes e comportamentos que configuram a condição aludida. A cidade do Porto é outro elemento fulcral. Um dos lemas da claque é, precisamente, o *ORGULHO EM SER TRIPEIRO*. Na sequência deste lema, os *Super Dragões*

continuam a representar e a emblematizar a cidade do Porto nos mais diversos estádios. Algum vestuário usado pelos elementos da claque e que compõe a fachada pessoal destes, como por exemplo cachecóis e *t-shirts*, apresentam imagens evocativas da cidade do Porto. Esta é também apresentada frequentemente nas coreografias apresentadas nos estádios. Painéis representativos da linha do horizonte da zona ribeirinha da cidade e ainda representações do Rio Douro com os seus barcos rabelos são disso o melhor exemplo. Os cânticos entoados são também demonstrativos quanto à ligação da claque à cidade. [15]

Na verdade, são vários os signos de identificação entre o clube e a cidade. O mais evidente é o próprio nome do clube. *Futebol Clube do Porto* é uma referência explícita à cidade onde está sedeado. Outro signo bem demonstrativo da identificação com a cidade é o próprio emblema do clube. Até Outubro de 1922, o emblema do *Futebol Clube do Porto* «tratava-se, apenas, de uma bola de futebol, de cor azul e com a posição das iniciais 'F.C.P.'» (Magalhães e Dias 1995: 37). Nesta data, Augusto Baptista Ferreira, artista gráfico profissional e jogador do clube conhecido pelo nome de Simplício, sobrepôs ao emblema «as armas da cidade, rematadas por um Dragão e uma faixa onde se lê a palavra 'Invicta'.» (Magalhães e Dias 1995: 37) O actual emblema do clube «define, por si só, a íntima conexão e o profundo entrosamento da colectividade do burgo a que foi buscar o nome.» (Magalhães e Dias, 1995: 37). [16] Por sua vez, o próprio texto do hino do clube reporta-se também à relação do *Futebol Clube do Porto* com a cidade referindo: «Ó meu Porto onde a terna mocidade diz à gente o que é ser nobre e leal. Teu pendão leva o escudo da cidade que na História deu o nome a Portugal.»

Esta identificação com a cidade do Porto nestes dois aspectos está também presente no discurso de muitos elementos dos *Super Dragões*. Considera-se que existe «uma relação muito forte entre o clube e a cidade.» O primeiro é mesmo entendido como «um dos estandartes, dos expoentes máximos da cidade.», ou mesmo como o «símbolo da cidade.» Outro elemento considerou mesmo que «o próprio clube confunde-se muito com a cidade, mesmo ainda hoje com a dimensão que o clube tomou.» Um ex-dirigente dos *Super Dragões* defendeu

[15] Destacam-se, a título meramente ilustrativo, os cânticos que se seguem como sendo dos mais emblemáticos: *1. Somos nós. Somos nós. O orgulho da Invicta somos nós. Somos nós. Somos nós. A Invicta somos nós. 2. Quem bate palmas é tripeiro. É tripeiro. É tripeiro. Quem bate palmas é tripeiro. É tripeiro. É tripeiro.*

[16] Esta relação é visível nos lugares da cidade que foram também lugares do clube, sendo este um dos aspectos demonstrativos da grande ligação da História do clube à sua cidade. A sede do clube esteve situada em diversas ruas do Porto. Foram vários campos e estádios de futebol da cidade em que a equipa do *Futebol Clube do Porto* jogou. Exemplo disso são o Oporto Cricket Club and Lawn Tennis situado no Campo Alegre, o Campo da Rainha (zona da actual Rua Antero de Quental), o Campo da Constituição, o Estádio do Lima e ainda o Campo Soares dos Reis, o Campo do Covelo e o Estádio do Amial. Foram também vários os lugares do Porto onde jogadores do clube competiram nas mais diversas modalidades desportivas. Ilustrativo disso mesmo é o registo de um festival desportivo realizado num hipódromo situado na Rua Oliveira Monteiro, a prática de natação em piscinas na zona do Carvalhido, o Water Polo jogado no Rio Douro e ainda Pugilismo na Avenida dos Aliados (Guedes 1987: 26, 54, 83-85, 138; Magalhães e Dias 1995: 8, 12-15, 51 e ainda Teles 1933: 13, 66-67).

mesmo que o *Futebol Clube do Porto* «não é mais um clube da cidade. Hoje em dia a cidade é que é do *Futebol Clube do Porto*; ou seja; o clube é que anda lá fora a dizer a cidade é aqui, quando deveria ser o contrário.»

A importância do clube enquanto representante da cidade é bem destacada por Toro quando afirma:

> El hincha se siente orgulloso de pertenecer a una tribu local o nacional que tiene en el equipo a su emblema activo y viajero, en misión diplomática y de conquista. En ese sentido se trata de un ente político que delega en el equipo se representatividad y su honor. El equipo encarna a la comunidad de individuos – un barrio; un pueblo, una ciudad, un país – a la que proporciona o resta prestigio con sus victorias o sus derrotas. Esa afiliación lo conduce a manifestarse en plural, sintiéndose participe indivisible de las consecuencias de lo ocurrido en el terreno. (Toro 1996: 108)[17]

Esta simbiose entre o clube e a cidade está de facto muito presente dos diversos discursos dos elementos da claque e tal é muito importante para a claque como colectivo e para os seus membros em particular, pois estes inserem-se de forma muito particular no contexto urbano e social da cidade do Porto. A proveniência residencial dos elementos que compõem os *Super Dragões* permite constatar a pertinência dos chamados *núcleos*. Estes são subgrupos da claque que não deixam de reflectir a presença de grupos de vizinhança adstritos a determinadas áreas residenciais da cidade do Porto. Os membros destes núcleos estabelecem, por isso, relações interpessoais fora do contexto futebolístico. Surgem por isso, nos diversos estádios, faixas que marcam a presença de núcleos. Os núcleos são portanto projecções de diversos territórios urbanos, o que denota que a claque se insere no tecido socio-urbano, constituindo-se, por isso, e na perspectiva de Bromberger, como um esquema simbólico da cidade (1995, p. 12).

Sendo, pois, muitos os membros do grupo que residem na cidade do Porto, não seria até muito surpreendente o valor que esta assume para os mesmos. Todavia, é assinalável a intensidade que emerge dos discursos dos elementos dos *Super Dragões* acerca do amor exacerbado que nutrem pela sua cidade. Atente-se nas seguintes declarações de alguns membros da claque *Super Dragões*: «Eu amo a cidade do Porto. Cada vez que entro na cidade continuo emocionado.» «Acima de tudo amo o Porto e a cidade. Eu, para mim, amar o Porto/Clube e o Porto/Cidade... Amo as duas coisas. Não posso dizer que sinto o mesmo por Portugal porque não sinto.» Outro membro da claque afirmou-se «tripeiro e não português. Gosto mais do Porto/cidade do que de Portugal.»

[17] Fica assim patente que o futebol, através da adesão e apoio às mais diversas equipas, constituí um importante veículo de identificações colectivas de cariz local, regional ou mesmo nacional (Mignon 1998: 27, 50 e Bromberger 1995: 24).

Um deles afirmou mesmo: «Era capaz de morrer por esta cidade.» Por sua vez, são vários os elementos da claque que confessaram a sua dificuldade em expressar-se verbalmente sobre a cidade. «São daqueles sentimentos que são difíceis de se exprimirem. Só sentindo.», referiu um deles.

9. A depreciação do principal adversário

Se o apoio exacerbado aos clubes e à cidade são elementos constitutivos da claque *Super Dragões,* também o forte antagonismo ao *Sport Lisboa e Benfica* e à cidade de Lisboa não deixam de ser também outro desses elementos. No futebol e pelo futebol veiculam-se fortes identificações com orgulhos bairristas, bem como a hostilidade e desprezo pelo *"outro"* que é adversário (Murphy, Williams e Dunning 1994: 15). E a outra equipa, como referiu Toro, «é depreciável só porque é o *"outro"*.» (1996: 109) Torna-se assim evidente a dimensão relacional da identidade e a importância da diferença para a construção desta (Woodward 2000: 9). Estamos perante «uma dicotomia *Nós-Eles* e a marcação dessa diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade.» (Woodward 2000: 9). Tal diferença é afirmada e construída historicamente, socialmente e simbolicamente, tendo por base representações e experiências, recorrendo-se a processos discursivos (Woodward 2000: 9-12, 17 e Silva 2000: 92)

No que diz respeito à claque *Super Dragões*, é o rival Benfica que assume a condição de *Outro* relativamente ao qual há que estabelecer a diferença e que, por isso, deve ser depreciado e desqualificado. A hostilidade e desvalorização deste clube de Lisboa é promovida pela claque e seus membros das mais diversas formas. Tal reflecte-se claramente nos epítetos empregues pelos *Super Dragões* quando se referem ao Benfica e aos seus adeptos. Estes são geralmente conhecidos por *Lampiões*, termo que advém do nome do antigo estádio da Luz, ao qual ficou associado o termo *Lampiões.* Mas para a generalidade dos membros da claque e adeptos do *Futebol Clube do Porto* os benfiquistas continuam sobretudo a ser conhecidos por *Mouros.* Procura-se legitimar o recurso a este termo com a própria História do país, argumentando que a cidade de Lisboa, onde está sedeado o clube rival, foi conquistada aos *Mouros* durante o período de expansão e conquista do território nacional, quando a cidade do Porto era já território nacional, de onde nasceu o nome Portugal. [18] Mas este termo não se confina, porém, aos adeptos benfiquistas. O mesmo é ainda empregue para designar a generalidade dos habitantes de Lisboa e mesmo do sul do país. Para os elementos dos *Super Dragões,* tal como para a generalidade dos adeptos

[18] Na claque *Super Dragões* foram mesmo distribuídas fotocópias do mapa de Portugal relativo ao período de expansão do território nacional para sul. Os mesmos destacavam uma linha a norte da cidade de Lisboa que dividia os portugueses dos Mouros.

portistas, a rivalidade deverá, portanto, ser alargada à cidade de Lisboa. São por isso várias as expressões pejorativas empregues relativamente à capital do país. Esta é também conhecida pelos membros da claque como *Mourolândia, Lampiolândia, Aldeola* ou mesmo *Marrocos*.

Para além deste elemento, para a já aludida construção histórica desta rivalidade concorre ainda a história do futebol português, uma vez que foi o *Sport Lisboa e Benfica* o adversário desportivo que, ao longo da mesma, mais obstou às vitórias do *Futebol Clube do Porto*. Mas para os membros da claque *Super Dragões* tal deveu-se, não só às arbitragens que, jogo após jogo, prejudicavam o *Futebol Clube do Porto* e beneficiavam o Benfica, mas também a um claro proteccionismo a este clube lisboeta por parte das instituições responsáveis pela gestão do futebol em Portugal ao longo dos anos. Esta representação [19] da história do futebol português tem sido construída ao longo dos anos por factos, imagens e impressões geralmente consensuais entre os adeptos do *Futebol Clube do Porto*, [20] configurando-se assim uma memória colectiva do clube expressa em narrativas que exaltam o mérito e coragem de um clube que sempre enfrentou as arbitrariedades e manigâncias dos clubes de Lisboa e das entidades detentoras do poder no futebol português durante a vigência da ditadura do Estado Novo. Tal como demonstrou King (2001), a memória colectiva não deixa de marcar a sua presença na actualidade, influenciando os valores e a conduta dos adeptos, bem como a visão que estes têm dos seus principais adversários.

Tal se verifica também na claque *Super Dragões*. Muitos são os seus membros que evocam esta memória colectiva para a legitimação da grande rivalidade para com o *Sport Lisboa e Benfica* e a cidade de Lisboa. É possível apresentar alguns discursos que denotam isso mesmo. Um dos elementos da claque sublinhou que o *Futebol Clube do Porto* sempre teve que lutar "contra o resto do país, contra forças inimigas." Outro ainda lembra que «pelo que se foi dizendo pelas gerações mais antigas, sempre passou essa ideia de que o clube realmente era espezinhado e posto à parte.» O irmão de um dos dirigentes da claque perfilhou também a representação de que os portistas «andaram anos abafados. Não se passava nada. Constantemente roubados.» Outro elemento da claque portista, que confessou até ter «conotações políticas com o Salazar», não deixou de proferir a seguinte opinião:

> É muito esquisito uma equipa como a do Porto que agora ganha frequentemente, não ganhar nada durante 19 anos. Sabendo nós que vivemos um período

[19] As representações sociais podem ser entendidas como um processo de elaboração mental e perceptiva da realidade, transformando pessoas, contextos e situações em categorias simbólicas – valores, crenças, ideologias – conferindo-lhes um estatuto cognitivo que as integra na vida quotidiana (Fisher, in Cordier, 1999, p. 450).

[20] Para um melhor conhecimento de alguns factos e imagens importantes da história do clube que concorreram para a sua memória colectiva e para a construção de uma representação depreciativa do *Sport Lisboa e Benfica* e da cidade de Lisboa consultar Barbosa (1998: 59-60, 70; Dias, 2001: 102-103, 105; Magalhães e Dias 1995: 34-35, 99-100, 122, 142 e Teles 1933: 77 ou ainda Queirós 2009).

> de Estado Novo, de Salazarismo, que depois deixamos de viver, obviamente a partir da Revolução de 74, a partir daí… Pode ser coincidência mas não acredito muito em coincidências. A partir da década de 60 o Benfica acabou. Na década de 70 ainda foi campeão algumas vezes. Foi o culminar. Setenta o que é que aconteceu? A Revolução. O Salazar foi-se embora. Era benfiquista. Os outros clubes já podiam ganhar à vontade.

Perante um discurso deste teor, que se assemelha a outros registados por Bronberger na sua investigação e que este autor considerou serem de *retórica de vitimação*, a claque *Super Dragões* tem como valor fundamental a afirmação simbólica da sua força, poder e superioridade, em apoio de um clube e de uma cidade injustamente desprezada (Bromberger, 1995: 134, 169). [21] À semelhança de outros membros de claques de importantes clubes europeus, os *Super Dragões* assumem, por vezes, um discurso claramente regionalista, anti-centralista e anti-capital do país.

Com efeito, para a rivalidade entre os dois clubes e a dicotomia/oposição a ela inerente não concorrem apenas os anos de competição mais recentes. Ela é também produto de experiências passadas, construções históricas, representações sociais e simbólicas que influenciam discursos e práticas presentes da claque *Super Dragões* e seus membros e estruturam também a identidade desta claque.

Importa ainda realçar que dos jogos de futebol resultam vitórias e derrotas que não deixam de estabelecer uma hierarquia – geralmente expressa em classificações – que tem grande significado para os adeptos dos vários clubes. Fundamental será considerar também a conjugação destes dois aspectos. A pertinência da mesma para a compreensão da importância e significado que os adeptos atribuem ao resultados dos seus clubes é assim salientada por Selosse:

> O jogo origina uma situação conflituosa de domínio/submissão exposta aos olhos da multidão. Ora, toda a competição pública inscreve-se num contexto social, local e histórico, mas também ético e político. Este contexto gera um clima particular, tanto mais sensível quanto as equipas adversárias ambicionam um resultado que uma delas não pode alcançar. Esta supremacia procurada na vitória torna os dois adversários mais presentes aos olhos dos espectadores e solicita as suas características de identidade, na medida em que o resultado condiciona as classificações e a hierarquia dos clubes, o que reforça a polarização das escolhas dos espectadores (1989: 6)

[21] Esta consideração de Bromberger surge como resultado das pesquisas por ele desenvolvidas na claque do Marselha e do Nápoles. Os adeptos destes clubes proferem discursos de vitimização idênticos aos registados na claque *Super Dragões*. Consideram também que os seus clubes são prejudicados, bem como as respectivas cidades, em relação aos clubes da capital do respectivo país (Bromberger 1995).

Neste binómio nós/eles, compreende-se assim que os adeptos associem às vitórias e derrotas dos clubes as unidades locais em que estes se inserem. As conquistas do *Futebol Clube do Porto* reforçam o prestígio da cidade do Porto. Ao invés, as derrotas dos adversários de Lisboa legitimam a sua desqualificação e a depreciação da cidade.

10. Considerações finais

Face ao exposto é possível considerar que pertencer à claque *Super Dragões* tem um significado social que está muito para além de alguns actos de violência e delinquência em que alguns dos seus membros se envolvem e da conotação estigmatizante com os mesmos. Pertencer a esta claque de apoio ao *Futebol Clube do Porto* é a resposta que muitos jovens do sexo masculino que se enquadram na classe trabalhadora encontram para manifestar não só o seu clubismo e o seu amor exacerbado e incondicional ao clube, mas também para o apoiar de forma mais activa, militante e intensa. O amor exacerbado e o apoio incondicional ao clube são, portanto, os principais elementos constitutivos da identidade da claque *Super Dragões*. Tal apoio, consequência do forte sentimento aludido, é mesmo a função manifesta deste grupo e a sua razão de ser.

Importa, porém, destacar que este apoio decorre dentro de um quadro estruturado pelo denominado *Movimento Ultra*. Os princípios e os valores deste estruturam também a identidade da claque *Super Dragões*. Certo é que este movimento não confere outro traço distintivo à claque que não seja uma forma muito diferente de apoiar o clube quando comparada com a generalidade dos adeptos do *Futebol Clube do Porto*. A apresentação de coreografias, o recurso a grandes bandeiras e estandartes e o recurso a cânticos para apoiar o clube são desempenhos gerais a todas as claques e, portanto, não são exclusivos dos *Super Dragões*. Todavia, esta claque não deixa de os particularizar com os seus próprios signos, adaptando, por exemplo, todo o material, bem como os cânticos que entoam, às mensagens que pretende transmitir. Confere-se, assim, a um estilo de desempenho padronizado alguma peculiaridade e particularismo. Mas há sobretudo que destacar a condição *Ultra* e a militância a ela inerente no apoio constante e incondicional ao clube e o que ela implica como outro elemento profundamente estruturante da identidade dos *Super Dragões*. Tal condição solicita também aos membros desta claque o respeito de valores como a solidariedade e entreajuda, até para enfrentar ameaças externas, assim como uma participação activa nas diversas actividades do grupo. Assim se promovem também sociabilidades, amizades e até relações de namoro e casamentos entre os membros do grupo.

A emblematização e exaltação da cidade do Porto, em associação ao clube é outro valor fundamental para o grupo que se assume também como um elemento primordial e constitutivo da sua identidade. De todos eles, é certamente

o traço mais peculiar da claque *Super* Dragões e distintivo em relação a outras claques do país. Nele se revê a generalidade dos elementos do grupo, não apenas por este ser muito promovido pela claque, mas sobretudo pela forte identificação e afectividade que muitos membros da claque têm para com a cidade do Porto – algo muito patente nos seus discursos e práticas – em consequência do facto de habitarem nesta.

A exaltação da cidade do Porto é acompanhada por um discurso depreciativo e de desqualificação do *Sport Lisboa e Benfica* e seus adeptos, bem como da cidade onde esta agremiação está sedeada. Emerge assim outro elemento fundamental para a identidade da claque *Super Dragões*. Com efeito, o clube, os adeptos e os lisboetas são classificados de forma muito pejorativa por parte da generalidade dos membros da claque *Super Dragões*. É indiscutível que os discursos de desqualificação do clube mencionado e da capital do país são consequência de uma forte rivalidade competitiva, não apenas presente, mas também passada. Presente em consequência da forte competição futebolística entre o *Sport Lisboa e Benfica* e o *Futebol Clube do Porto*, mas também de uma percepção de desigualdade de tratamento da cidade do Porto em relação à capital do país. Desta percepção emerge um discurso de vitimação relativamente à cidade de Lisboa muito presente nos membros da claque, complementado pela claque *Super Dragões* através de discursos de elogio e exaltação à cidade do Porto e ao carácter superior do seu povo. Rivalidades passadas concorrem para a reprodução de memórias e uma representação de um passado de agravos e prejuízos sofridos pelo *Futebol Clube do Porto*, sendo ambas entendidas pelos membros da claque como uma legitimação para a desqualificação e crítica do *Sport Lisboa e Benfica* e à cidade de Lisboa como elemento constituinte dos *Super Dragões*.

Os elementos constituintes da identidade da claque *Super Dragões* aludidos promovem e reforçam assim a integração e coesão de muitos membros do grupo. Estes, assumindo a condição *Ultra*, encontram na claque a oportunidade de incentivar de forma intensa e efusiva o *Futebol Clube do Porto*, ajudando assim o clube a conquistar vitórias. Reivindicam, por isso, o seu contributo, participação e importância nas mesmas. Pretendem sentir que tais vitórias também são também deles e que tiveram mérito nas mesmas. As vitórias do *Futebol Clube do Porto* acabam assim por constituir sucessos e triunfos pessoais para muitos elementos da claque que se encontram privados dos mesmos nesta fase da sua vida pessoal. Um *graffiti* inscrito por membros do núcleo da Trofa da claque *Super Dragões* num dos abrigos da estação de caminhos-de-ferro daquela localidade evoca este último aspecto ao evidenciar a seguinte mensagem: "Mágico Porto, vence por nós."

Bibliografia

ANON., (1996), "Mais vale só que mal acompanhado.", *Ultrà*, n.º 6, p. 5.

ANUNCIAÇÃO, Paulo (1997), "Até que a morte nos separe.", Vida, *O Independente*, 17 de Janeiro: 12-18.

BARBOSA, Alfredo (1998), *Pedroto o mestre*, Porto, s.e..

BROMBERGER, Christian (1995), *Le Match de Fottball. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Paris: Editions de la Maison des Sciences de L'Homme.

CABRAL, Manuel Villaverde e PAIS, José Machado (coord.) (1998), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras: Celta Editora.

CÂNCIO, Miguel (1990), *Sociología da violencia en el futbol*, Santiago de Compostela, Cuadernos de Ciências Sociales Artísticas y de la Naturaleza.

COHEN, S. (1972), *Folk Devils and Moral Panincs*, Oxford: Basil Blackweel.

CORDIER, Ariel (1999), "Representations sociales", in A. Akoun e P. Ansart (orgs) *Dictionaire de Sociologie*, s.l.; Robert e Seuil.

CRUZ, Manuel Braga *et al*. (1984), «A condição social da juventude portuguesa», in *Análise Social*, Vol. XX (81-82), 2º, 3º: 285-308, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

DIAS, Manuel (2001), *O futebol no Porto*, Porto, Campo das Letras.

DUNNING, Eric (1992), "O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações", *in* N. Elias (1992), *A busca da excitação*, Lisboa: Difel: 389-412.

DUNNING, Eric, MURPHY, Patrick e WILLIAMS, John (1992), *The Roots of Football Hooliganism. An Historical and Sociological Study*, Londres e Nova Iorque: Routledge.

FERREIRA, Vítor Sérgio (2006), *A condição juvenil portuguesa na viragem do milénio. Um retrato longitudinal através de fontes estatísticas oficiais: 1990-2005*, Instituto Português da Juventude. [em linha]. Disponível em http://sejd.gov.pt./iniciativas/a_condição_juvenil_ portuguesa.pdf, [Consultado em 13/05/2007.

FIEL, Jorge (1993), "Dragões, Lampiões e Rufiões.", *Expresso Revista*, 23 de Janeiro, pp. 6-11.

GIDDENS, Anthony (2004) [2001], *Sociologia*, 4ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GOFFMAN, Erving (1993), *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, Lisboa: Relógio d'Água.

GUEDES, Rui (1987), *Fotobiografia do Futebol Clube do Porto*, Lisboa: Publicações D. Quixote.

HALL, Stuart (1978), "The Treatment of 'Football Hooliganism' in the Press", in R. Ingham (org), *Football Hooliganism: The Wider Context*: 15-36, Londres, Inter-Action Inprint.

KING, Anthony (2001), "Violent pasts: collective memory and football hooliganism.", *The Sociological Review*, vol. 49, 4 (November): 568-585.

LAGO, Alessandro dal e BIASI, Rocco (1994), "Italian Football Fans. Culture and organization" in Giulianotti, Richard, Bonney, Norman e Hepworth, Mike, *Football, Violence and Social Identity*: 73-89, Londres, Routledge.

MAGALHÃES, Álvaro e DIAS, Manuel (1995), *F.C. Porto. 100 anos de História. 1893-1993*, Porto, Edições Asa.

MARCHI Valério (2001), «Contestazione generale: gli anni Sessanta», in *Ultra. La sottoculture giovanili negli stadi d'Europa*, ed. Eurispes, [em linha]. Disponível em *http://www.mix.it/eurispes/EURISPES/201/4par3.htm* [Consultado em 15/04/2001].

MARIVOET, Salomé (1992), "A violência nos espectáculos de futebol.", in *Sociologia. Problemas e práticas*, 12: 137-153.

MARQUES, Margarida, MANUEL, Fátima e MAIA, Paula (1988), *O envolvimento juvenil nas claques de futebol. O caso Juve Leo*, Lisboa, Ministério da Educação – Direcção geral dos Desportos.

MIGNON, Patrick (1998), *La passion du football*, Paris: Editions Odile Jacob.

MURPHY, Patrick, WILLIAMS, John e DUNNING, Eric (1994), *O futebol no banco dos réus*, Oeiras: Celta Editora.

NUNES, João Sedas (1998), «Perfis sociais juvenis», in M. V. Cabral e J. M. Pais (coords), *Jovens Portugueses de Hoje*: 1-51, Oeiras: Celta Editora.

NUNO, M. e Paulo (1995), "O exemplo dado pelas claques.", *Ultrà*, 2: 5.

PEREIRA, Luís Miguel (2002), *Dicionário do Futebol. Manual do Adepto*, Lisboa: Booktree.
PODALIRI, Carlo e BALESTRI, Carlo (1998), "The Ultràs, Racism and Football Culture in Italy", *in* A. Brown *Fanatics, Power Identity and Fandom in Football*: 88-100, ed. Brown, Londres e Nova Iorque: Routledge.
QUEIROZ, João (2009), *O caso Calabote*, Lisboa, Quidnovi.
REVILLA, Tereza Adan (1996), *Ultras e Skinheads: La juventud visible. Imágenes, estilos y conflitos de las subculturas juveniles en España*, Oviedo: Ediciones Nobel.
ROVERSI, Antonio (1992), *Calcio, Tifo e Violenza. Il teppismo calcistico in Itália*, Bologna: Società Editrice Il Mulino.
ROVERSI, António (1994), «The birth of the <ultras>: the rise of football hooliganism in Italy, in Giulianotti, Richard e Williams, John, *Game without frontiers. Football Identity and Modernity*, Vermont, Ashgate Publishing Company.
ROVERSI, António e Balestri, Carlo (2002), «Italian ultras today: change or decline?», in E. Dunning *et al.* (orgs), *Fighting Fans, Football Hooliganism as a World Phenomenon*: 131-142, Dublin: University College Dublin Press.
SEABRA, Daniel (1999), *Mágico Porto, vence por nós. Um estudo antropológico de uma claque de futebol*, Dissertação de Mestrado (policopiada), Universidade do Minho.
SELOSSE, Jacques (1988), *A violência dos espectadores nos estádios. Processo, estrutura e efeitos de contágio*, Lisboa: Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.
SILVA, Tomaz Tadeu (2000), «A produção social da identidade e da diferença.», in T. T. Silva (org), *Identidade e Diferença*, Petrópolis: Editora Vozes.
TAYLOR, Ian, (1982ª), "Class, violence and Sport. The case of Soccer Hooliganism in Britain." in Cantalon, Hart e Gruneau, Richard (eds), *Sport, Culture and Modern State*: 39-96, Toronto: University of Toronto Press.
TAYLOR, Ian (1982b), "On the sports violence question: soccer hooliganism revisited.", in J. Hargreaves (org), *Sport, Culture and Ideology*: 152-196, London: Routledge & Kegan Paul.
TELES, Rodrigues (1933), *História do Foot-Ball Club do Porto. 1906-1933*, Porto: O Porto Desportivo.
TORO, Carlos (1996), *Caldera de pasiones*, Madrid: Ediciones Temas de Hoy.
WOODWARD, Kathryn [2002 (1997)], «Concepts of identity and difference», in K. Woodward, (org), *Identity and Difference*: 7-50, London: Sage Publications.